

JOURNAL OF  
**DEMOCRACY**  
EM PORTUGUÊS

*Volume 12, Número 1, Junho de 2023*

Artigos Inéditos

**O STF e a defesa da democracia no Brasil**

*Oscar Vilhena Vieira*

**A cooperação Sul-Sul e o setor privado: um balanço  
das relações do Brasil com Angola e Moçambique  
no século XXI**

*André Guzzi e Laurindo Tchinhama*

---

Traduções

**Por que as democracias da América Latina  
estão estagnadas**

*Scott Mainwaring e Aníbal Pérez-Liñán*

**Exércitos e autocratas: por que as Forças Armadas  
de Putin fracassaram**

*Zoltan Barany*

**A sombra da direita sueca**

*Bo Rothstein*

**Por que a direita europeia abraça os  
direitos dos homossexuais**

*Gabriela Magni e André Reynolds*

**PLATAFORMA  
DEMOCRÁTICA**

FUNDAÇÃO FHC  
CENTRO EDELSTEIN

[PLATAFORMADEMOCRATICA.ORG](http://PLATAFORMADEMOCRATICA.ORG)



JOURNAL OF  
**DEMOCRACY**  
EM PORTUGUÊS

CONSELHO EDITORIAL	Bernardo Sorj Sergio Fausto
TRADUÇÃO	Fabio Storino
REVISÃO TÉCNICA	Otávio Dias Beatriz Kipnis
DIAGRAMAÇÃO	Felipe Martins   Wonderweb

Journal of Democracy em Português, Volume 12,  
Número 1, São Paulo, Junho de 2023  
Plataforma Democrática  
ISSN 2527-1369

**Índice de catálogo sistemático:**

Democracia, Política e Governo, Sociedade, Partidos Políticos, Políticas Públicas.

**© Copyright - Todos os direitos reservados à:**

Fundação Fernando Henrique Cardoso  
Rua Formosa, 367, 6º andar, Centro, São Paulo/SP, CEP: 01049-000  
[www.fundacaofhc.org.br](http://www.fundacaofhc.org.br) • e-mail: [imprensa@fundacaofhc.org.br](mailto:imprensa@fundacaofhc.org.br)

**PLATAFORMA  
DEMOCRÁTICA**  
FUNDAÇÃO FHC  
CENTRO EDELSTEIN  
PLATAFORMADEMOCRATICA.ORG



São Paulo (Sede)  
Rua Formosa, 367, 6º andar - Centro  
São Paulo - SP - Brasil - CEP 01049-000  
tel: +55 (11) 3359-5000  
[contato@plataformademocratica.org](mailto:contato@plataformademocratica.org)

PERIODICIDADE: Semestral

## **Apresentação**

O Supremo Tribunal Federal e a defesa da democracia no Brasil. Os motivos da estagnação das democracias latino-americanas. Por que as Forças Militares da Rússia estão enfrentando tantas dificuldades em solo ucraniano? Um balanço da política externa brasileira para a África durante os primeiros governos Lula e as perspectivas com a volta dele ao poder. Estes são os principais temas desta edição do Journal, que traz dois artigos inéditos, escritos por autores brasileiros, e quatro traduções.

No artigo que abre a edição, o professor de Direito Constitucional e Direitos Humanos Oscar Vilhena Vieira (FGV) analisa o comportamento das instituições de defesa da democracia brasileira, em especial a postura do Supremo Tribunal Federal, a partir da ascensão ao poder, em 2018, de um presidente da República ostensivamente hostil à democracia constitucional estabelecida em 1988. Segundo o autor, no extenso arco de proteção da democracia brasileira estabelecido pela Constituição Federal de 1988, o Supremo Tribunal Federal desempenhou um papel central. A postura expressamente “combativa” assumida pelo STF, diante dos crescentes ataques ao Estado Democrático de Direito, reacendeu o debate sobre o controvertido conceito de “democracia militante”, o que parece inescapável em tempos de ameaça de erosão da democracia.

“Reivindico que, nos dias de hoje, o conceito de democracia militante designa, sobretudo, uma postura a ser assumida por aquelas instituições e autoridades que têm a responsabilidade por promover a defesa da democracia. Essa postura reclama uma atitude alerta, vigilante e, se necessário, combativa na defesa da democracia, por meio das ferramentas institucionais e legais de autodefesa democrática, operadas dentro do marco dos direitos fundamentais”, escreve.

Vieira alerta, no entanto, que as “ferramentas da democracia defensiva”, assim como a “postura militante” daqueles que ocupam as instituições democráticas, “jamais poderão substituir o sistema político propriamente dito, na função de coordenar conflitos políticos e promover soluções para o atendimento das expectativas de bem-estar dos cidadãos dentro de uma sociedade plenamente democrática”.

No segundo texto inédito, os professores de Relações Internacionais André Guzzi (EAESP FGV) e Laurindo Tchinama (Universidade Federal de Uberlândia) fazem um balanço da política externa brasileira para a África e a Cooperação Sul-Sul, que teve seu auge na primeira década do século 21, e avalia as perspectivas de uma retomada dessa política como uma prioridade da diplomacia brasileira.

“Com o retorno do presidente Lula ao poder, é crucial olhar para esse processo e assimilar algumas lições aprendidas”, escrevem os autores. Para promover uma política externa atualizada para a África, faz-se necessário compreender as reais necessidades dos países do continente e reconhecer que hoje outras potências, como a China, ganharam espaço no continente africano e resistirão a uma eventual tentativa do governo e do setor privado brasileiros de serem mais atuantes na região.

Os autores alertam ser “fundamental promover um sistema de *accountability*” para evitar que a “falta de transparência” nos projetos público-privados ocorrida no passado recente “volte a contaminar a Cooperação Sul-Sul”, que nos últimos anos “passou a ser alvo da polarização política e ideológica que caracterizam o cenário político brasileiro”.

No terceiro artigo, os cientistas políticos Scott Mainwaring e Aníbal Pérez-Liñan, professores da Universidade de Notre Dame (EUA), afirmam que a maioria dos países da América Latina vive uma fase de estagnação democrática, com déficits democráticos importantes e persistentes que os impedem de se tornar democracias mais solidamente liberais.

Após expor os três principais fatores que contribuem para esse padrão generalizado na região, eles concluem: “A estagnação democrática facilita a ascensão de presidentes iliberais que protestam contra o sistema. Às vezes eles conseguem dismantlar a democracia e outras vezes, fracassam. Quando fracassam, o regime político volta ao estado familiar de semidemocracia, ou talvez uma democracia de desempenho médio. Construir democracias que funcionem melhor e mostrem mais respeito pelos direitos dos cidadãos é um dos grandes desafios que a América Latina enfrenta”.

Por que as Forças Armadas da Rússia – que segundo a sabedoria convencional teriam se transformado em uma máquina militar eficaz após mais de duas décadas de governo forte de Vladimir Putin – enfrentam tantas dificuldades na Guerra da Ucrânia? Esta é a pergunta que o professor de Governo da Universidade do Texas em Austin Zoltan Barany busca responder no quarto texto deste *Journal*.

“Os militares russos são um reflexo por excelência do Estado que os criou: autocrático, obcecado pela segurança e repleto de tomadas de decisão profundamente centralizadas, relações disfuncionais entre autoridades civis e militares, ineficiência, corrupção e brutalidade”, escreve o autor, que relaciona cinco pontos-chave para entender o fracasso da invasão russa iniciada em fevereiro de 2022, sem perspectiva de fim.

A democracia da Suécia, uma das mais estáveis da Europa, está ameaçada diante da impressionante ascensão do Democratas Suecos (SD), um partido populista e nacionalista de direita que, em 2022, conquistou a segunda maior votação nas eleições para o Riksdag (parlamento)? Este é o tema do quinto artigo, escrito por Bo Rothstein, professor emérito de ciência política da Universidade de Gotemburgo. Antes tratado como um “partido *non grata*” pelas elites políticas tradicionais, o Democratas Suecos rompeu esse bloqueio, passou a integrar a coalizão de centro-direita que governa o país e, embora não ocupe nenhum ministério, tem hoje capacidade de influenciar políticas públicas nas áreas de imigração, direitos humanos e segurança pública.

“As políticas nacionalistas e anti-imigração do SD e seu acentuado iliberalismo fizeram com que alguns analistas temessem pelo futuro da democracia sueca. Até o momento, não há sinais de que esse processo esteja em curso, mas o fato é que o Democratas Suecos faz parte do governo, e o acordo pluripartidário (fechado pela coalizão governista) contém muitas propostas para diminuir os direitos sociais e políticos dos imigrantes. É preciso observar todo esse processo com atenção”, escreve o autor.

O que motivou alguns importantes partidos de direita europeus a abrir mão de uma oposição histórica aos direitos LGBTQ+ e, nas últimas duas décadas, abraçar a causa dos direitos e da igualdade dos homossexuais? Foi uma mudança fundamental de valores ou somente estratégia eleitoral? É o que a última tradução desta edição busca explicar.

“Os partidos tradicionais de centro-direita tornaram-se mais pró-gays depois de se tornarem mais seculares, reconceituando e incorporando famílias do mesmo sexo aos valores familiares tradicionais e usando o liberalismo social para provar que se modernizaram. Já a posição dos partidos de direita radical está dividida. Até o momento, no entanto, nenhum partido de direita — seja secular ou religioso, centrista ou radical — expressou apoio aos direitos e identidades transgêneros”, escrevem Gabriele Magni e Andrew Reynolds, especialistas em políticas LGBTQ+ na Europa.

Boa leitura,

Bernardo Sorj e Sergio Fausto

*Diretores de Plataforma Democrática*

## A sombra da direita sueca

*Bo Rothstein*

*Bo Rothstein é professor emérito de ciência política da Universidade de Gotemburgo. É autor de Controlling Corruption: The Social Contract Approach [Controlando a corrupção: a abordagem do contrato social] (2021).*

Em 11 de setembro de 2022, a Suécia realizou as eleições para o Riksdag, seu Parlamento unicameral composto por 349 membros. O Democratas Suecos (SD)<sup>NT.1</sup>, um partido populista e nacionalista de direita fundado em 1988, obteve 20,5% dos votos e conquistou mais onze assentos, chegando a um total de 73, tornando-se, pela primeira vez, o segundo maior partido do país. Ficou atrás apenas do Social-Democratas<sup>NT.2</sup>, que obteve 30,3% e 107 cadeiras (sete a mais). O Moderados, partido de centro-direita da Suécia, terminou em terceiro lugar, com 19,1% e 68 cadeiras (duas a menos).

Esses resultados representam uma grande mudança no cenário político sueco. Em todas as eleições nacionais desde 1979, o Moderados havia sido o segundo maior partido político. A ascensão eleitoral do SD foi impressionante: o partido vem melhorando seu desempenho

\*Publicado originalmente como “The Shadow of the Swedish Right”, Journal of Democracy, Volume 34, Number 1, January 2023 © 2023 National Endowment for Democracy and The Johns Hopkins University Press.

---

NT.1: Vários dos partidos políticos da Suécia possuem nome plural (SD, Liberais, Social-Democratas etc.). Adotei a concordância no singular (com o substantivo oculto “partido”), como é feito no Brasil com os partidos Republicanos e Progressistas

NT.2: Em relação ao partido Social-Democratas, ao me referir a seus membros, adotei o plural “sociais-democratas”, seguindo o Houaiss (quando adjetivo, o plural é “social-democratas”, como o nome do partido).

eleitoral a cada nova eleição nacional desde que começou a disputar o Riksdag, em 2002. A primeira tentativa, vinte anos atrás, resultou em míseros 1,4% dos votos e nenhum assento, já que a Suécia possui um quociente eleitoral de 4%. Em 2006, o SD recebeu 2,9% dos votos, permitindo-os acessar o fundo eleitoral. Em 2010, o partido obteve 5,7% dos votos, o que lhes rendeu vinte cadeiras no Riksdag. Em 2014, o resultado foi 12,9% e 49 assentos, seguido por 17,5% e 62 assentos em 2018. Em 2022, conquistou 20,5% dos votos e 73 cadeiras.

Para um partido político em uma democracia com representação proporcional, aumentar seu desempenho eleitoral por cinco eleições nacionais consecutivas é algo raro, talvez até único. A ascensão do SD coloca a Suécia em linha com uma tendência geral entre as democracias ocidentais, onde os partidos populistas de direita se tornaram uma forte força política.<sup>1</sup>

O sucesso eleitoral de 2022 do SD vai além dos números e adiciona uma dimensão qualitativa à posição do partido na política da Suécia. Antes, todos os partidos no Riksdag sempre trataram o SD como um “partido *non grata*” e evitavam que tivesse qualquer papel no governo. Desde o ano passado, embora sem um único ministério, o SD é parte integrante da nova coalizão de governo de Moderados, Democratas Cristãos e Liberais, liderada pelo moderado Ulf Kristersson.

Apesar do anúncio dos líderes do SD de uma política de tolerância zero em relação ao racismo e dos esforços para “apagar” as relações originais do partido com círculos fascistas e neonazistas, a lista de declarações racistas, antidemocráticas, iliberais, islamofóbicas e até antisemitas feitas por ativistas e figuras importantes do SD é muito longa e inclui muitos exemplos recentes.<sup>2</sup>

---

1. Sheri Berman, “The Causes of Populism in the West”, *Annual Review of Political Science* 24 (2021): 71-88; e Sanna Salo e Jens Rydgren, *The Battle Over Working-Class Voters: How Social Democracy Has Responded to the Radical Right in the Nordic Countries* (Londres: Routledge 2021).

2. Para as declarações preocupantes dos membros do SD, consultar a lista disponível em <https://www.sd-citat.nu/>. Em fevereiro de 2022, na véspera da invasão russa da Ucrânia, o líder histórico do SD, Jimmie Åkesson, não soube dizer se preferia Joseph Biden a Vladimir Putin.



Durante a campanha de 2018, o líder moderado Kristersson prometeu publicamente a Hédi Fried, uma famosa nonagenária sobrevivente do Holocausto que vive na Suécia desde 1945, que ele nunca cooperaria com o SD. Mas, depois de não terem conseguido expulsar os sociais-democratas do governo em 2018, tanto os moderados como os democratas-cristãos começaram a abandonar sua política contrária a qualquer cooperação com o emergente partido à sua direita no espectro político sueco. O ponto decisivo parece ter sido o argumento dos democratas-cristãos de que, sem a ajuda do SD, os partidos de centro-direita nunca mais seriam capazes de formar uma coalizão de governo.

A guinada dos moderados foi particularmente surpreendente. Fredrik Reinfeldt, o primeiro-ministro moderado de 2006 a 2014, foi o arquiteto de uma política de refugiados bastante generosa comparativamente a de outros países europeus, e que fez da Suécia o principal país ocidental em número de refugiados aceitos (proporcionalmente ao tamanho população) durante as crises de refugiados de 2013-16, que teve grande impacto na Europa.

Durante a campanha de 2022, havia dois blocos políticos distintos disputando o poder. O trio de centro-direita, composto por Moderados, Democratas Cristãos e Liberais, aliou-se *de facto* ao SD para formar um bloco nacionalista de direita. A centro-esquerda era formada pelo Social-Democratas, pelo Partido Verde, pelo Partido da Esquerda e (surpreendentemente) pelo Partido do Centro, que ainda em 2014 fazia parte da coalizão com a centro-direita. O estopim para o afastamento do Partido do Centro de seus antigos parceiros tinha sido a disposição deles de se aliar ao SD. Os líderes do Partido do Centro disseram que não apenas apoiariam a campanha dos sociais-democratas, como estariam dispostos a colaborar com eles após a eleição.

Em 2022, os eleitores deram à direita uma vitória bastante apertada. Os partidos de centro-direita Moderados, Democratas Cristãos e Liberais obtiveram, somados, 103 das 349 cadeiras, enquanto o acordo de

“confiança e provisão”<sup>3</sup> do SD lhes garante mais 73 votos no Riksdag, totalizando 176. A coalizão liderada pelo Partido Social-Democratas, por sua vez, possui apenas três assentos a menos (173). Kristersson é o primeiro-ministro, e a coalizão de quatro partidos de direita repousa em um pacto (chamado de Acordo de Tidö, em referência ao local das negociações) que detalha as políticas que o novo governo deve perseguir.

Ainda que o Democratas Suecos, apesar de ter tido a segunda maior votação, não tenha conseguido ocupar ministérios no novo governo, o partido foi autorizado a indicar nomes para cargos de “assessor especial” em vários órgãos do governo central. O que quer que um ministério planeje fazer, o SD será um dos primeiros a saber. Esse tipo de arranjo — um partido sem participação formal no governo, mas que exerce influência direta sobre ele — é algo altamente incomum e já levou a um endurecimento da política sueca para refugiados.

A disposição do Liberais de participar de um governo que acolheu na prática o SD tem sido uma surpresa. Historicamente, o Partido Liberal Sueco tem defendido fielmente os princípios liberais e favorecido o apoio a refugiados e imigrantes. Dois ex-líderes liberais alertaram que o pacto significaria que eles não poderiam mais votar no partido, mas o Liberais decidiu seguir em frente e integrar a coalizão mesmo assim.

## Uma mudança de paradigma?

O novo governo nacionalista de direita descreve as sessenta páginas do acordo pluripartidário como parte de uma “mudança de paradigma” em várias áreas importantes de políticas públicas. As três mais importantes têm a ver com segurança, imigração e mudanças climáticas. A polícia terá maior liberdade para utilizar métodos escusos, o

---

3. Nos regimes parlamentaristas de governo baseados no sistema de Westminster, para que uma coalizão de governo mantenha o controle da câmara baixa, é necessário um acordo de “confiança e provisão” (*confidence and supply*) que garanta o apoio em votações de orçamento e contra eventuais moções de censura (voto de desconfiança). (N. T.)

que sugere que garantias aos direitos humanos serão enfraquecidas. A polícia, o sistema carcerário e outros órgãos do sistema de justiça criminal serão profundamente ampliados. O acordo abre a possibilidade de deportar membros de gangues que não tenham cidadania sueca, mesmo que não tenham sido condenados por um crime. Outras medidas incluem penas dobradas para membros de gangues e o estabelecimento de “zonas de inspeção”, onde a polícia terá maiores poderes para realizar batidas.

A política de imigração deverá ser severamente restrita. O número de refugiados do sistema de cotas da ONU deve cair de seis mil para novecentos por ano. Ao todo, as políticas de imigração suecas serão reduzidas ao nível mais baixo que a legislação da UE permite. Controles internos de estrangeiros e medidas para fazer com que os imigrantes retornem ao seu “país de origem” se intensificarão. A migração econômica será mais rigorosa, assim como a imigração de membros de famílias já residentes e as exigências para a obtenção da cidadania sueca. As possibilidades de revogação das autorizações de residência aumentarão, e o governo investigará se os imigrantes podem ser deportados por vários tipos de “comportamento associal”, mesmo que nenhuma lei tenha sido violada.

O acordo também prevê a redução do apoio econômico dado aos imigrantes, mas não fala explicitamente em cortes reais, ou mesmo em limites ao acesso dos imigrantes aos extensos programas sociais da Suécia. O SD apoia em grande parte o modelo universal de proteção social do país, algo popular há muito tempo, e provavelmente não deseja ser associado a quaisquer propostas concretas para reduzi-lo, mesmo que esses cortes se concentrem nos imigrantes. O SD até forçou o Moderados a abandonar uma bandeira política, a de restringir o seguro-desemprego.

As políticas ambiciosas da Suécia em relação às mudanças climáticas também devem mudar. Os combustíveis fósseis devem receber

enormes subsídios. Para ampliar a geração de eletricidade, os dois reatores nucleares recentemente desligados da usina de Ringhals, na costa oeste, próximo à Dinamarca, serão religados e os outros seis reatores do país serão mantidos em funcionamento à medida que se planeja a construção de novas usinas.

## **Sistema de proteção social em xeque?**

Os pesquisadores de política comparada há tempos veem a Suécia como um país dominado por um forte movimento trabalhista. O nível de sindicalização dos trabalhadores continua alto. A democracia surgiu no país há um século, quando o primeiro-ministro liberal Nils Edén escanteou o rei após o Riksdag estabelecer o sufrágio universal. Desde que Hjalmar Branting se tornou o primeiro premiê social-democrata em 1920, o Social-Democratas governou a Suécia cerca de 75% do tempo.

O sistema de proteção social é generoso, os serviços públicos como a saúde, a assistência a idosos e a educação são universais e de qualidade comparativamente elevada. Há uma clara política de promoção da igualdade de gênero, com generoso apoio à licença parental e pré-escolas fortemente subsidiadas. A Suécia é líder mundial em ajuda internacional.

Em rankings internacionais de fatores como “felicidade”, confiança social, saúde da população, competitividade econômica, qualidade da democracia, igualdade de gênero, prosperidade econômica, baixa pobreza e corrupção, e afins, a Suécia e seus vizinhos nórdicos estão consistentemente entre as sociedades mais bem-sucedidas do mundo. Dadas tais conquistas, por que uma grande fatia do eleitorado votaria em um partido nacionalista populista, de direita e iliberal, que adora torcer o nariz para o establishment?

Pesquisas mostram que os eleitores do SD são mais propensos a serem homens operários vivendo em pequenas cidades ou áreas ru-

rais. Também são mais propensos a estar desempregados ou receber pensão por invalidez. Em Estocolmo, a capital e maior cidade do país, com 10,5 milhões de habitantes, o Democratas Suecos obteve pouco mais de um décimo dos votos em 2022. No nordeste rural da Escânia, quinhentos quilômetros abaixo da costa leste de Estocolmo, no extremo sul do país, o partido alcançou perto de um terço dos votos. Em comparação com outros eleitores, o eleitorado do Democratas Suecos se preocupa muito com a lei e a ordem, a imigração e os preços da energia, e pouco com as mudanças climáticas e a igualdade de gênero.

Além disso, sabe-se que os eleitores do SD dão ao governo social-democrata (desbancado em 2022) notas baixas em relação à gestão da economia e da pandemia de Covid-19, e sua confiança nos políticos também é bastante baixa. Acrescenta-se a isso o fato de que, embora a confiança social (definida como a confiança em “outras pessoas”) seja muito elevada na Suécia pelos padrões globais, os eleitores do SD destacam-se por expressar uma confiança social significativamente mais baixa do que os apoiadores de qualquer um dos outros sete partidos com assento no Riksdag.<sup>4</sup>

Historicamente, o Social-Democratas costumava dispor da lealdade de uma clara maioria dos trabalhadores operários, mas, em 2022, esse grupo dividiu seus votos igualmente entre o Social-Democratas (de centro-esquerda) e o Democratas Suecos (de direita). Em uma perspectiva histórica mais longa, podemos falar em uma divisão desse eleitorado, uma vez que metade dos eleitores da classe trabalhadora que costumavam votar no Social-Democratas migrou o voto para o Democratas Suecos. Isto está alinhado ao que tem acontecido a outros partidos social-democratas na Europa.

---

4. Sören Holmberg e Bo Rothstein, “High Interpersonal Trust in Sweden But Not Among Everyone”, SOM Institute, Universidade de Gotemburgo, 2015, <https://docplayer.se/19181766-Hog-mellanmansklig-tillit-i-sverige-men-inte-bland-alla.html>. Ver também Sören Holmberg e Bo Rothstein, “Trusting Other People”, *Journal of Public Affairs* 17 (fevereiro-maio 2017): 18-28; e Gabriella Elgenius e Jens Rydgren, “Frames of Nostalgia and Belonging: The Resurgence of Ethno-Nationalism in Sweden”, *European Societies* 21, n. 4 (2019): 583-602.

A diferença no comportamento eleitoral entre homens e mulheres deu-se em um nível recorde na última eleição. Um em cada quatro suecos votou no SD, mas a proporção entre as mulheres foi de apenas 16%. A diferença entre os eleitores da coorte mais jovem, entre dezoito e trinta anos, foi especialmente acentuada. A proporção de votos no SD foi de 11% entre as mulheres jovens e 26% entre os homens jovens. As mulheres suecas votaram majoritariamente na esquerda, e os homens, na direita nacionalista.

A divisão geográfica ou espacial nos padrões de votação também é digna de nota. A maioria dos imigrantes vive nas grandes cidades; enquanto pequenas cidades e áreas rurais, onde os eleitores SD tendem a viver, têm muito menos imigrantes. Assim, quanto mais próximo um eleitor sueco vive de imigrantes e refugiados, menor a probabilidade de essa pessoa votar em um partido anti-imigração.

Há muitas explicações para esse padrão de votação. Para um jovem homem da classe trabalhadora, uma onda de imigrantes e refugiados – que também são, muitas vezes, homens jovens (como tem sido na Suécia) – significa uma competição mais acirrada por empregos, moradia e parceiras. No entanto, se você é uma pessoa de classe média em uma cidade grande, mais imigrantes significa mais mão-de-obra barata para o setor de serviços. Ou seja, os imigrantes colocam dinheiro no seu bolso, mantendo baixo o custo dos serviços que você consome, ou os salários que você deve pagar para conduzir o seu negócio.

Além disso, a segregação habitacional é uma característica marcante de todas as grandes cidades da Suécia: os eleitores urbanos de classe média podem viver mais perto das populações imigrantes do que os suecos que vivem em áreas rurais ou cidades pequenas, mas não tão perto a ponto de ter imigrantes recentes como seus vizinhos.

## Trabalho e outros fatores estruturais

A dramática transformação política na Suécia não pode ser entendida sem fazermos referência a mudanças estruturais na economia e na sociedade. Consideremos o mercado de trabalho. Como em muitos outros países ocidentais, e talvez ainda mais na Suécia, a demanda por empregos tradicionais de baixa qualificação da classe trabalhadora diminuiu. A demanda por mão de obra com experiência em tecnologia vem surgindo até mesmo nos lugares menos esperados. Você não pode dirigir um táxi sueco, por exemplo, a menos que possa falar inglês e usar o computador que controla a entrada e saída de passageiros. Mudanças como essa tornaram a vida mais difícil para muitos homens de baixa escolaridade. As mulheres jovens, incluindo as de origem imigrante, têm atualmente um desempenho muito melhor no sistema educativo do que os rapazes.<sup>5</sup>

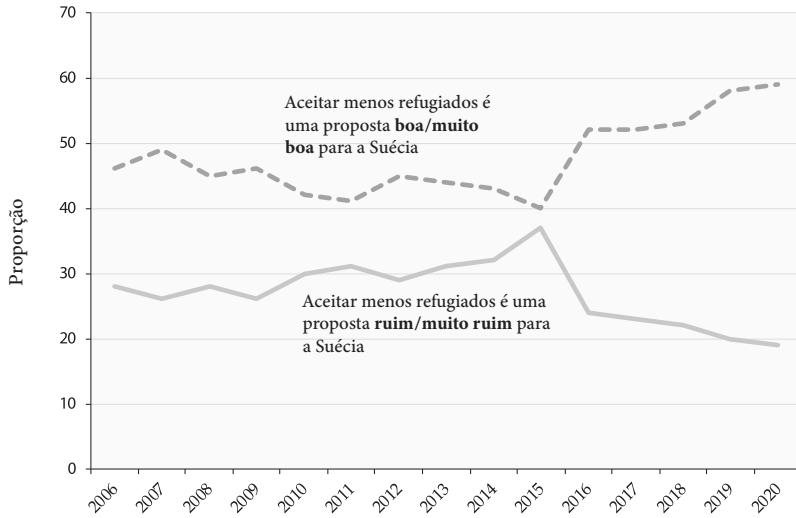
O principal fator estrutural por trás do sucesso do Democratas Suecos é a questão dos refugiados. Durante 2015, o ano de pico da crise dos refugiados, a Suécia foi de longe o líder (proporcionalmente ao tamanho da população) entre os países da OCDE no acolhimento de refugiados. Os cerca de dez milhões de suecos receberam 163 mil pessoas em busca de asilo. Se os Estados Unidos tivessem feito o mesmo em proporção à sua população, teriam admitido cerca de 5,4 milhões de pessoas apenas em 2015. De fato, o país recebeu naquele ano pouco menos de 70 mil refugiados e pouco mais de 26 mil requerentes de asilo (essas são diferentes categorias na legislação americana).<sup>6</sup>

O Reino Unido, que tem mais de seis vezes a população sueca, teria que ter recebido cerca de um milhão de pessoas para ter se equiparado à Suécia em termos per capita, mas recebeu cerca de 40 mil em

---

5. Fredrik Nejman, "Flickorna har gått om pojkar i alla ämnen" [As meninas superaram os meninos em todas as disciplinas], *Läraren*, 2 dezembro 2020, <https://www.vilarare.se/nyheter/fokus/flickorna-har-gatt-om-pojkar-i-alla-amnen>.

6. Ver relatório do Departamento de Segurança Nacional dos Estados Unidos, [https://www.dhs.gov/sites/default/files/publications/Refugees\\_Astylees\\_2015.pdf](https://www.dhs.gov/sites/default/files/publications/Refugees_Astylees_2015.pdf).

**Figura:** Opinião dos suecos em relação a aceitar menos refugiados

Fonte: Johan Martinsson e Ulrika Andersson, eds., *Swedish Trends 1986–2021* (Gotemburgo: SOM Institute, 2022).

Notas: Os entrevistados responderam à pergunta “Qual é a sua opinião sobre a seguinte proposta? Aceitar menos refugiados.”

As respostas possíveis eram: “muito boa”, “boa”, “nem boa, nem ruim”, “ruim” e “muito ruim”. A linha superior na figura mostra a proporção de respostas “boa” ou “muito boa”; a linha inferior mostra a proporção de respostas “ruim” ou “muito ruim”.

2015. Quanto aos outros países nórdicos — Dinamarca, Finlândia e Noruega —, cada um concordou em receber cerca de 30 mil refugiados em 2015, o que representa menos de um quinto do número aceito pela Suécia.

Nos últimos dez anos, a Suécia recebeu mais de 1,2 milhão de imigrantes. A maioria dos analistas entende que a integração desse grande número de refugiados, no geral, não foi bem-sucedida. Dada a segregação espacial generalizada, muitos imigrantes agora vivem em áreas onde simplesmente não há nada de “sueco” à que se integrar.

Alguns afirmam que o aumento dos votos para o Democratas Suecos revela um aumento de atitudes racistas, mas as pesquisas de opi-



nião não oferecem evidências confiáveis disso. Quando perguntados se acreditam que seu país melhorou com a imigração, a parcela de pessoas que concordam é maior na Suécia do que em outros países europeus.<sup>7</sup> O cenário é complicado, no entanto.

Todos os anos, desde 1990, o Instituto SOM (Society Opinion Media, o braço de pesquisas da Universidade de Gotemburgo) pergunta aos entrevistados se a ideia de aceitar *menos* refugiados é boa ou ruim. A maioria a cada ano respondeu que receber menos refugiados seria uma proposta “boa” ou “muito boa”. A Figura mostra a evolução dessas respostas a partir de 2006. Pouco antes da crise dos refugiados, os entrevistados se dividiam igualmente, com 40% desejando menos refugiados e 37% não desejando menos (não é possível determinar se queriam o mesmo número ou mais, pois apenas responderam que receber menos seria uma proposta “ruim” ou “muito ruim”). Então veio a onda de refugiados de 2015. De 2016 até hoje, mais de 50% disseram a cada ano preferir receber menos refugiados. Em 2020, a diferença se ampliou ainda mais, com 59% querendo menos refugiados e apenas 19% querendo o mesmo número ou mais.

A partir desses dados, pode-se concluir que a generosa política para refugiados da Suécia tem sido até recentemente um projeto da elite política, realizado sem o apoio da maioria da população. Com a crise de refugiados de 2015, atingiu-se o fundo do poço em termos de opinião pública. Durante os dois ciclos eleitorais imediatamente anteriores àquele ano, todos os principais partidos políticos, com exceção do Democratas Suecos, permaneceram unidos em torno de uma generosa política para refugiados.

Um eleitor para o qual a política de refugiados era um tema saliente e que preferia uma política semelhante à da Dinamarca ou da Noruega (países com cerca de metade do tamanho da Suécia, e que

---

7. Alicia Heimersson, “Ökar verkligen rasismen i Sverige?” [O racismo está realmente aumentando na Suécia?], *Dagensarena* (Estocolmo), 16 novembro 2018, <https://www.dagensarena.se/innehall/okar-verkligen-rasismen-sverige/>.

receberam, cada, menos de um quinto dos refugiados aceitos pela Suécia em 2015), ou até mesmo três ou quatro vezes mais generosa do que a desses países, não tinha nenhum partido no qual votar além do Democratas Suecos.

Uma democracia eleitoral deve oferecer alternativas políticas ao eleitorado, mas os principais partidos suecos foram visivelmente incapazes de fazê-lo. Deixaram um amplo espaço para o SD preencher. Em suma, há poucas evidências de que o aumento do racismo e da xenofobia possa explicar a ascensão do partido de direita. Em vez disso, pode ser simplesmente que os “números importem” — um número suficiente de eleitores passou a discordar fortemente da política de “portas abertas” das elites políticas suecas durante a recente crise dos refugiados, e os resultados eleitorais refletiram isso.

### **Valores culturais e normas sociais**

Não é possível entender o aumento de votos em um partido nacionalista anti-imigração na Suécia sem levar em conta questões culturais e normas sociais. O famoso World Cultural Map (“mapa cultural mundial”) que Ronald Inglehart e Christian Welzel criaram ao traçar onde os países estão localizados em termos de valores “seculares-rationais” e de “autoexpressão” versus valores “tradicionais” e de “sobrevivência” se baseia em décadas de dados da pesquisa World Values Survey.<sup>8</sup> Os valores tradicionais enfatizam a religião, o respeito à autoridade e a importância dos laços familiares. Os valores seculares são o oposto e incluem o apoio ao aborto, ao divórcio e aos direitos das minorias sexuais. Os valores de sobrevivência enfatizam a importância da segurança material e física, enquanto a autoexpressão enfatiza o bem-estar subjetivo e a autonomia pessoal, e inclui o apoio a causas ambientais, igualdade de gênero e tolerância ao “outro”.

8. Para o World Cultural Map, ver <https://www.worldvaluessurvey.org/WVSEventsShow.jsp?ID=428>.

A Suécia ocupa um canto muito particular neste “mapa cultural mundial”. Seu povo partilha valores seculares-rationais e de autoexpressão mais do que qualquer outra nação no mundo. O grande número de “novos suecos” (como às vezes são chamados os imigrantes que já conseguiram a cidadania) criaram tensões porque muitos deles vêm de países onde os valores seculares-rationais e de autoexpressão não são a norma, para dizer o mínimo. Em termos mundiais, esses países podem ser mais típicos do que a Suécia, mas, no contexto sueco, suas preferências de valor são bastante atípicas.

Um estudo recente de três sociólogos suecos apresenta alguns resultados surpreendentes. Eles acompanharam mais de cinco mil jovens na Suécia que são imigrantes ou filhos de imigrantes nascidos no país. A maioria nasceu em 1996 e participou voluntariamente do estudo entre os 14 e os 23 anos de idade. Quatro vezes ao longo desse período, o estudo coletou dados dos próprios jovens, de seus pais e de seus professores. Esse é, de longe, o estudo mais abrangente sobre integração realizado na Suécia.<sup>9</sup>

Em algumas áreas, a integração tem funcionado bem. Jovens de origem imigrante obtêm diplomas universitários aproximadamente na mesma proporção que os suecos étnicos da mesma idade e registram pontuações semelhantes em termos de saúde e bem-estar subjetivo. Como esses imigrantes enfrentam, em geral, piores condições socioeconômicas ao crescer, esses resultados são inesperados e animadores.

No entanto, nem todos os resultados são positivos. Há aqueles que conseguiram um diploma universitário, sim, mas, ao mesmo tempo, cerca de um terço dos jovens imigrantes não completou o Ensino Médio, e metade dos sem Ensino Superior concluíram o Ensino Fundamental obrigatório com notas muito baixas para entrar no Ensino Mé-

9. Jan O. Jonsson, Carina Mood, e Georg Treuter, *Integration bland unga—en mångkulturell generation växer upp* [Integração entre os jovens: uma geração multicultural cresce] (Estocolmo: Makadam, 2022), [https://www.iffs.se/media/23539/integration\\_bland unga\\_9789170618987.pdf](https://www.iffs.se/media/23539/integration_bland unga_9789170618987.pdf).

dio (que, na Suécia, é seletivo em vez de obrigatório e normalmente começa quando se tem dezesseis anos de idade).

O estudo descrito acima também tem dados sobre indivíduos com cerca de trinta anos de idade, e observamos o mesmo padrão em relação a eles. Jovens de origem imigrante encontram-se no topo da distribuição de renda em igual proporção aos suecos étnicos, mas também estão super-representados nos grupos de renda mais baixa.

O estudo da geração de 1996 mostra que a integração tem sido muito menos bem-sucedida quando se trata de valores culturais e normas sociais. As meninas cujas famílias vêm da África e do Oriente Médio são frequentemente isoladas da sociedade sueca por suas famílias. A opressão relacionada à “honra familiar” é predominante nesses grupos, e os “crimes de honra” cometidos por parentes contra jovens mulheres imigrantes receberam bastante atenção da mídia.<sup>10</sup>

A religião também é uma área com forte diferença. Apenas 14% dos jovens suecos étnicos dizem que a religião é importante para eles; para os jovens de origem imigrante, a proporção é de 70%. Os jovens imigrantes têm uma visão muito mais negativa do aborto, do divórcio e dos direitos LGBTQ e menos positiva em relação à igualdade de gênero do que os jovens suecos.

Essas diferenças permanecem consideráveis mesmo quando se limita a comparação a pessoas de origem imigrante que nasceram e cresceram na Suécia – isto é, quando se compara os suecos étnicos a pessoas da mesma faixa etária que nasceram e passaram a vida inteira

---

10. Sara Abed Ali (15 anos) foi assassinada em 1996, mas os primeiros casos a atrair ampla cobertura da imprensa foram os assassinatos de Pela Atroshi (19 anos) e Fadime Şahindal (26 anos) em 1999 e 2002, respectivamente. A primeira foi morta pelo tio, e a segunda, pelo pai. Şahindal, cujos pais eram curdos étnicos da Turquia, falou com a imprensa sobre as ameaças e abusos que recebeu de membros da família do sexo masculino por se apaixonar por um homem sueco étnico. Seu funeral, na Catedral de Uppsala, foi um evento de repercussão nacional. Mais recentemente, a rádio sueca informou, em 2021, que a polícia havia recebido relatos de mais de 4.500 crimes de honra desde 2019. “Över 4 500 hedersbrott anmälda på två år” [Mais de 4.500 crimes de honra registrados em dois anos], Sverige Radio, 31 outubro 2021, <https://sverigesradio.se/artikel/over-4-500-hedersbrott-anmalda-pa-tva-ar>.

na Suécia, mas que têm origem imigrante. O grupo de origem imigrante é mais tradicional e menos propenso a abraçar valores seculares-racionais e de autoexpressão do que o grupo de suecos étnicos. Essa forte persistência de diferenças em termos de normas sociais e valores culturais ajuda a explicar por que o apoio ao multiculturalismo diminuiu nas pesquisas de opinião pública desde 2015. Entre os eleitores do SD, o apoio ao multiculturalismo é quase zero.<sup>11</sup>

Também podemos considerar a proeminência das questões de “lei e ordem” na eleição de 2022, reforçando o quanto esse pleito representa uma ruptura com o passado. O crime nunca esteve no topo da agenda nas campanhas eleitorais suecas, há muito dominado por debates sobre políticas sociais, saúde, meio ambiente, impostos e assim por diante. A razão para o foco inédito na lei e na ordem não pode estar relacionada a um aumento geral da criminalidade: de acordo com o Conselho Nacional Sueco de Saúde e Bem-Estar, o número de pessoas hospitalizadas vítimas de violência por outra pessoa caiu quase 40% entre 2001 e 2021.

Na verdade, houve, uma mudança qualitativa nos tipos de crime. De acordo com um relatório de dezembro de 2021 do Flemish Peace Institute (sediado em Bruxelas), excetuando Chipre e os países dos Balcãs, nenhum país europeu além da Letônia possui uma taxa de homicídios por armas de fogo maior que a sueca.<sup>12</sup> Embora esse tipo de crime esteja diminuindo no resto da Europa, houve um aumento con-

---

11. Marie Demker, “Vilka var det som ändrade sig om flyktingpolitiken efter 2015?” [Quem mudou de ideia sobre a política de refugiados depois de 2015?], SOM Institute, Universidade de Gotemburgo, 2021, <https://www.gu.se/sites/default/files/2021-06/317-332%20Marie%20Demker.pdf>.

12. Ver mapa da página 31 de Nils Duquet e Dennis Vanden Auwelle, “Project Target: Targeting Gun Violence in Europe”, Flemish Peace Institute, 13 dezembro 2021, <https://vlaamsvredesinstituut.eu/wp-content/uploads/2021/12/20211221-rapportTARGET-web-def.pdf>. A Figura 1.3 da página 33 desse relatório afirma que a taxa de homicídios por armas de fogo na Suécia mais do que dobrou entre 2000 e 2019, passando de 0,2 por cem mil residentes no primeiro ano para 0,44 por cem mil no segundo. Os únicos outros países nesse gráfico de 32 países da Europa que mostram uma piora na taxa de homicídios por armas de fogo são Chipre e Áustria (cuja taxa subiu muito ligeiramente, de 0,15 para 0,18, entre 2002 e 2016).

siderável na Suécia, em grande medida relacionado a conflitos entre gangues criminosas formadas principalmente por rapazes jovens de origem imigrante.<sup>13</sup>

Os conjuntos habitacionais públicos suecos são geralmente bem conservados fisicamente, mas algumas dessas áreas residenciais estão sob o domínio de gangues ou “clãs” criminosos de base familiar.<sup>14</sup> Pesquisas sugerem que, no nível local (distrito eleitoral), há uma forte correlação entre a preocupação com o crime e o voto no SD.<sup>15</sup> O intenso foco nesse novo tipo de crime durante a campanha eleitoral funcionou a favor do Democratas Suecos, validando sua crítica à política de imigração e integração.

### O ponto fraco da esquerda

Os dados disponíveis mostram que o Democratas Suecos deve o seu sucesso à migração do voto de parte dos antigos eleitores social-democratas. Devemos, portanto, olhar não apenas para o que tornou a mensagem dos populistas atraente para muitos eleitores da classe trabalhadora, mas por que a esquerda não foi capaz de responder a esse desafio. Como mostrado acima, muitos que votaram no Democratas Suecos estão do lado mais prejudicado quando se trata de educação e empregos. Houve um aumento considerável da desigualdade econômica na Suécia durante as últimas duas décadas, também em relação a outros países da OCDE.<sup>16</sup>

---

13. “Fakta i frågan: Vilka är det som skjuter?” [Aos fatos: quem são os atiradores?], Dagens Nyheter (Estocolmo), 6 dezembro 2021, [www.dn.se/sverige/fakta-i-fragan-vilka-ar-det-som-skjuter](http://www.dn.se/sverige/fakta-i-fragan-vilka-ar-det-som-skjuter).

14. Amir Rostami e Jerzy Sarnecki, eds., *Det svenska tillståndet: en antologi om brottsutvecklingen i Sverige* [A situação sueca: uma antologia sobre o desenvolvimento da criminalidade na Suécia] (Lund: Studentlitteratur, 2022).

15. Agradeço a Jerzy Sarnecki por essa informação. Os dados vêm de uma pesquisa eleitoral realizada pela Sveriges Television, a emissora pública de televisão.

16. Jonas Pontusson e David Weisstanner, “Macroeconomic Conditions, Inequality Shocks and the Politics of Redistribution, 1990-2013”, *Journal of European Public Policy* 25, n. 1 (2018): 31-58.

Além disso, a esquerda ignorou o aumento das desigualdades econômicas entre as áreas urbanas e rurais. Houve um enorme crescimento nas regiões metropolitanas de Estocolmo (que detêm cerca de um quarto da população total da Suécia) e Gotemburgo (lar de mais um milhão de habitantes), enquanto muitas regiões rurais foram abandonadas. É difícil encontrar bons dados, mas há um sentimento geral de que as políticas sociais e o investimento público nas zonas rurais e nas pequenas cidades foram negligenciados por governos de centro-esquerda.

Houve também uma curiosa mudança dos sociais-democratas em relação ao tema das classes sociais e o que significa ser um partido da classe trabalhadora. Até a década de 1990, o principal objetivo do Partido Social-Democratas, em termos gerais, era melhorar a situação socioeconômica dos operários suecos por meio de uma política baseada em dois pilares. O primeiro era um sólido programa de reformas sociais, virtualmente universais em sua cobertura, que se uniram a impostos progressivos e generosos subsídios e políticas de bem-estar social para formar um motor de redistribuição de riqueza que favoreceu os suecos de baixa renda, ao mesmo tempo em que ganhou apoio da classe média por meio de serviços públicos de qualidade.<sup>17</sup> O outro pilar era um foco na promoção do emprego e de sindicatos fortes.<sup>18</sup>

Isso mudou por volta de 2010. Em 2006 e, novamente, em 2010, os sociais-democratas perderam as eleições parlamentares para uma coalizão de centro-direita. O partido, então, parou de tentar *eleva*r a classe trabalhadora e passou a ajudar o maior número possível de pessoas a *deixa*r a classe trabalhadora. Mona Sahlin, que se tornou a líder dos sociais-democratas após a derrota de 2006, afirmou repetidas vezes que a Suécia tinha que se tornar um país com mobilidade social ascendente.<sup>19</sup>

17. Bo Rothstein, “The Moral, Economic, and Political Logic of the Swedish Welfare State”, in Jon Pierre, ed., *Oxford Handbook of Swedish Politics* (Oxford: Oxford University Press, 2015).

18. Bo Rothstein, *The social democratic state: the Swedish model and the bureaucratic problem of social reforms* (Pittsburgh: University of Pittsburgh Press, 1996).

19. Bo Rothstein, “Sossarnas skifte från arbetarparti till resebyrå” [A transformação dos sociais-democratas de partido trabalhista para agência de viagens], *Aftonbladet* (Estocolmo), 13 outubro 2022.

Não há, obviamente, nada de errado em querer ajudar os jovens a ingressar em profissões para as quais se acham preparados — mesmo aquelas vistas como socialmente “superiores”. Mas, para um partido que há muito se considerava o partido da classe trabalhadora, fazer de sua mensagem principal um chamado para que essa classe encolha era — e ainda é — estranho.

Muitos trabalhadores que tradicionalmente votaram nos sociais-democratas devem ter se sentido desconcertados com essa retórica, na qual era possível sentir um certo desprezo por aqueles que não tinham (como tantos líderes do Partido Social-Democrata) conseguido deixar a classe trabalhadora. Não é surpresa que um partido que concorra com uma mensagem como essa tenha perdido muitos eleitores da classe trabalhadora. É importante acrescentar que não se tratou apenas de uma mudança na retórica: quem procurar nas campanhas social-democratas não encontrará, a partir de 2010, nenhuma proposta de grande reforma social ou qualquer coisa que se aproxime da democratização do trabalho.<sup>20</sup>

## **A democracia sueca está ameaçada?**

O contínuo sucesso eleitoral do Partido Democratas Suecos e sua atual aliança com os três principais partidos de centro-direita certamente representam uma grande mudança para a Suécia. As políticas nacionalistas e anti-imigração do SD e seu acentuado iliberalismo fizeram com que alguns analistas temessem pelo futuro da democracia sueca. As ameaças perigosas às democracias, diz-se, não vêm mais como golpes ou levantes repentinos, mas assumem a forma de “autocratizações” graduais comandadas por líderes democraticamente eleitos, mas antidemocráticos.<sup>21</sup>

---

20. Bo Rothstein, “Why No Economic Democracy in Sweden? A Counterfactual Approach”, *Social Europe Research Essay*, 12 fevereiro 2021, [www.socialeurope.eu/wp-content/uploads/2021/02/re\\_no\\_12\\_Why\\_No\\_Economic\\_Democracy\\_in\\_Sweden.pdf](http://www.socialeurope.eu/wp-content/uploads/2021/02/re_no_12_Why_No_Economic_Democracy_in_Sweden.pdf).

21. Steven Levitsky e Daniel Ziblatt, *How Democracies Die* (Nova York: Crown, 2018). [Ed. bras.: Como as democracias morrem. Rio de Janeiro: Zahar, 2018.]



A Suécia, pelo menos até o momento, não mostra sinais de que esse processo esteja em curso. Todos os quatro países nórdicos sobreviveram à década de 1930 — auge do fascismo europeu — com suas democracias intactas. A Suécia é membro da União Europeia, que consagra a democracia como condição essencial de membresia e toma cada vez mais medidas contra ações antidemocráticas nos países

---

***A ascensão de partidos populistas em democracias liberais ocidentais sugere que, depois de mais de 150 anos, a aliança entre a classe trabalhadora industrial e o que se poderia chamar de esquerda intelectual-cultural acabou.***

---

membros. A adesão da Suécia ao bloco é sólida — não há um movimento de “swexit”, e o Democratas Suecos, assim como o Partido Verde e o Partido da Esquerda, abandonaram sua oposição à UE.

Não se questiona a legitimidade e a confiabilidade das eleições. Nem o Democratas Suecos nem qualquer outro partido duvida ou nega a validade dos resultados das

urnas. Se o Democratas Suecos tentar politizar a máquina pública, é provável que fracasse.<sup>22</sup> Com algumas exceções, a meritocracia continuará a ser o princípio fundamental para a contratação e a promoção de funcionários públicos.

O Judiciário permanece apartidário e afastado da política, com juízes muitas vezes se orgulhando de não ter laços partidários aparentes. Os tribunais superiores (há dois, um para casos civis e outro para conflitos dos quais o governo nacional é parte) têm autoridade constitucional para desaprovar leis promulgadas pelo Riksdag, mas quase nunca a usam. Os tribunais geralmente não são arenas de batalhas políticas. O controle judicial de políticas públicas não está no “DNA” da carreira jurídica sueca, e os Democratas Suecos não serão capazes (caso tentem) de politizar os tribunais. Em vez disso, o tipo nórdico

---

22. Jan-Werner Müller, *What Is Populism?* (Filadélfia: University of Pennsylvania Press, 2016).

“não politizado” de “Estado de direito” provavelmente continuará a prevalecer como uma salvaguarda da democracia.

Por fim, a Suécia possui uma sociedade civil ativa, com muitas organizações robustas, que farão o que for possível para impedir qualquer avanço do autoritarismo. O mesmo pode ser dito da maioria dos meios de comunicação de massa e da academia.

Dito isso, membros do *Democratas Svecos* expressaram forte simpatia pela versão húngara do que seu primeiro-ministro Viktor Orbán chama de “democracia iliberal”. Uma vez que eles, como Orbán, veem a democracia como uma questão de vontade irrestrita da maioria, um eventual futuro governo do SD significaria dizer adeus a uma vida cultural livre, tribunais independentes e radiodifusão pública, e o princípio da liberdade de pesquisa em universidades autônomas. Esta lista do que se perderia recorda-nos que a democracia liberal consiste tanto no respeito pelas decisões tomadas pela maioria democraticamente eleita como em limites severos ao escopo do direito dessa maioria de governar. Há espaços numa sociedade, dito de um modo claro, sobre os quais os liberais-democratas não querem que a maioria no parlamento ou nas câmaras municipais avance.

O paradoxo da democracia liberal é que, em vários domínios, o princípio de “menos é mais” deve prevalecer. Em muitas áreas, quanto menos a maioria governa, melhor aqueles que enfatizam o aspecto liberal da democracia liberal, entre os quais me incluo, entendem que ela está funcionando. Liberais-democratas como eu habituaram-se à ideia de que a maioria política não deve decidir o gênero da pessoa com quem queremos casar. Abandonamos a ideia de que uma disciplina sobre religião no ensino obrigatório deva ser dominada pela religião que a maioria professa. Não temos mais comitês nomeados pela maioria decidindo quais filmes podemos assistir, quais autores devem receber apoio estatal ou quais peças devem ser apresentadas em teatros que recebem financiamento público. Também não acreditamos

que as opiniões políticas da maioria devam influenciar quais pesquisadores individuais recebem bolsas ou apoio de pesquisa. Os empregos no setor público devem ir para os candidatos que objetivamente têm o maior mérito, em vez de serem distribuídos por critérios políticos, como a filiação ao partido do governo.

Portanto, a ideia política central do liberalismo é colocar limites permanentes às decisões da maioria.<sup>23</sup> Os fortes partidos populistas que existem atualmente em muitas democracias geralmente não reconhecem esses limites. Pelo contrário, esses partidos se veem como representantes do povo contra elites profissionais injustas que dominam a esfera pública. Agora que o SD faz parte do governo de fato, isso é algo a ser observado. O acordo pluripartidário, como observado, contém muitas propostas para diminuir os direitos sociais e políticos dos imigrantes.

No entanto, as propostas são uma coisa. Torná-las reais é outra. Resta saber em que medida ocorrerá a desejada “mudança de paradigma” proposta pelo Democratas Suecos.. O ministro da Saúde do novo governo já abandonou um plano para reduzir o acesso a intérpretes de pessoas que não falam sueco. A ideia ia na contramão de outras leis, como a que protege os direitos dos pacientes. Devemos estar cientes, no entanto, de que o SD pode ser capaz de tirar vantagem eleitoral de reveses políticos como esse: não é difícil imaginar o partido em campanha na próxima eleição queixando-se de que elites profissionais no serviço público e nas cortes, que não foram eleitas e não precisam prestar conta aos eleitores, estão bloqueando a implementação de medidas populares e bastante necessárias.<sup>24</sup>

A ascensão de partidos populistas em democracias liberais ocidentais sugere que, depois de mais de 150 anos, a aliança entre a classe trabalhadora industrial e o que se poderia chamar de esquerda intelectual-cultural acabou. A onda de partidos como o Democratas Suecos

---

23. Francis Fukuyama, *Liberalism and Its Discontents* (Nova York: Farrar, Straus and Giroux, 2022). [Ed. port.: *Liberalismo e seus descontentes*. Lisboa: Dom Quixote, 2022.]

24. Sou grato a Stefan Svallfors por esse importante insight.

em muitas democracias ocidentais, o trumpismo nos Estados Unidos e o referendo do “brexit” de 2016 no Reino Unido sugerem que esses dois setores da sociedade agora têm visões quase completamente distintas sobre as principais questões sociais e políticas.

Em geral, a classe trabalhadora tradicional favorece o protecionismo, o retorno de tipos de trabalho cujo escopo foi inexoravelmente reduzido com o avanço da tecnologia, e a prevalência da produção sobre preocupações ambientais. O apoio da classe trabalhadora tradicional ao fortalecimento dos direitos das minorias étnicas ou sexuais também é baixo.

A esquerda intelectual-cultural, por sua vez, é exatamente o oposto: internacionalista, ambientalista, a favor do livre comércio, bem como da imigração e do multiculturalismo, e fortemente focada em apoiar os direitos de vários grupos minoritários por meio de políticas identitárias.

Atualmente, é difícil imaginar as massas industriais inspirando-se em um intelectual de esquerda como Olof Palme, social-democrata que comandou a Suécia como primeiro-ministro durante a maior parte do período entre 1969 e seu assassinato em uma rua de Estocolmo em 1986. Em vez disso, são as mensagens nacionalistas e xenófobas de Donald Trump, do italiano Matteo Salvini, da francesa Marine Le Pen e de Jimmie Åkesson do SD que vêm ganhando audiência em parte do eleitorado operário. Se os liberais e a esquerda social-democrata quiserem recuperar seu apoio eleitoral, parece necessário repensar seriamente as possíveis alianças políticas e as visões de futuro.

*Plataforma Democrática* ([www.plataformademocratica.org](http://www.plataformademocratica.org)) é uma iniciativa da Fundação FHC e do Centro Edelstein de Pesquisas Sociais dedicada a fortalecer a cultura e as instituições democráticas na América Latina, por meio da produção de conhecimento e da promoção do debate pluralista de ideias sobre as transformações da sociedade e da política na região e no mundo. Realiza pesquisas e seminários para estimular o diálogo entre os produtores de conhecimentos e os diferentes atores sociais e políticos sobre temas da atualidade.

Plataforma Democrática oferece uma infraestrutura virtual com uma biblioteca de livre acesso que inclui milhares de textos sobre temas relacionados à democracia na América Latina e um banco de dados sobre instituições de pesquisa na região.

**As principais áreas de trabalho da Plataforma Democrática são:**

**Transformações Geopolíticas Globais e instituições democráticas:**

<https://www.plataformademocratica.org/publicacoes#EstadoDemocracia>

<https://www.plataformademocratica.org/publicacoes#CambiosGeopoliticos>

**Meios de comunicação e Democracia:**

<https://www.plataformademocratica.org/publicacoes#MediosComunicacion>

<https://www.plataformademocratica.org/publicacoes#EnsaiosDemocracia>

**Sociedade civil e democracia:**

<https://www.plataformademocratica.org/publicacoes#CohesionSocial>

**Bibliotecas virtuais:**

<https://www.plataformademocratica.org/biblioteca>

<https://www.plataformademocratica.org/biblioteca-sociedade>

**Coleção Recursos de Pesquisa na Internet:**

<https://www.plataformademocratica.org/publicacoes#RecursosPesquisa>